

## I

Sob certos aspectos, poucas horas haverá na vida mais agradáveis do que aquela dedicada à cerimónia que se designa por «chá das cinco». Quer se participe ou não do chá — algumas pessoas, com certeza, nunca o fazem — há, todavia, circunstâncias que tornam o momento em si mesmo delicioso. Precisamente as que eu evoco ao começar esta singela história ofereciam admirável pretexto para esse passatempo inocente. Os acessórios daquele festim em ponto pequeno estavam dispostos sobre a relva do jardim de uma velha casa de campo inglesa, numa ocasião a que eu chamarei o instante perfeito duma esplêndida tarde de Verão. Parte da tarde decorrera já, mas muito dela ainda ficara — e o que ficara era da mais bela e pura qualidade. O verdadeiro crepúsculo não chegaria tão cedo; porém, a maré cheia da claridade estival começara a decrescer, a atmosfera tornara-se suave e as sombras deslizavam sobre o relvado macio e denso. Demoravam-se, contudo, muito lentas, e o espectáculo oferecia aquela sensação de calma e de silêncio que é decerto a principal razão do agrado de semelhantes cenas a semelhantes horas. Das cinco às oito decorre, em certas ocasiões, uma pequenina eternidade; numa ocasião como esta, o intervalo seria apenas uma eternidade de prazer. E as pessoas que a gozavam faziam-no tranquilamente, sendo de notar que não pertenciam ao sexo que se julga mais devotado ao ritual da mencionada cerimónia. Na relva bem tratada moviam-se sombras direitas e angulosas: eram as sombras de um velho sentado numa cadeira de verga confortável, perto da mesa baixa onde o chá fora servido, e de dois rapazes que passeavam vagarosos cá e lá, em amena palestra, de-

fron­te do an­cião. Con­ser­vava este a chá­vena ain­da nas mãos; não era um ob­jecto de ta­man­ho e fei­ti­o cor­ren­tes, mas de mo­de­lo di­ver­so, gran­de, e de co­res bri­lhan­tes. O vel­ho mexia o con­teú­do com a máx­ima gra­vi­da­de, de­pois levava a chá­vena à boca e aí a de­morava, ao mes­mo tem­po que voltava os olhos na di­rec­ção da casa. Os com­pan­heiros ha­viam am­bos ter­mi­na­do já a merenda, e, con­ti­nuando a pas­sear, iam fu­man­do os seus ci­garros. Um deles, de vez em quan­do, ao cru­zar-se com o vel­ho, olhava-o com aten­ção, e este, igno­ran­te da­quele exa­me, per­manecia com a vista pos­ta na fron­teira ver­melha da re­si­dência. A casa que se er­guia do lado de lá da relva era digna real­men­te de ob­ser­va­ção e uma das coisas mais carac­terís­ti­cas na de­scri­ção do am­biente in­glês que eu pro­cu­ro es­boçar.

Ficava situ­ada num outeiro não muito alto, sobranceiro ao rio; e o rio era o Tamisa, a cerca de qua­renta milhas de Lon­dres. Era for­rada de tijolos rubros, pa­ti­na­dos pelo de­correr dos anos e das esta­ções, que a foram en­fei­tan­do de tons di­feren­tes, o que mais não con­se­guira do que mel­horar e re­qui­n­tar. Para a parte ar­relvada do jar­d­im ap­re­sen­tava en­tre­la­çamentos de hera, con­jun­to de cha­minés e janelas abafa­das em re­pos­teiros. Tin­ha his­tória e fama aque­la casa, e o vel­ho que estava a tomar chá não des­gostaria de nos re­velar os episódios: como fora con­struída no tem­po de Edu­ardo VI, como ofere­cera hos­pi­talidade, por uma noite, à gran­de rainha Isabel (cu­jo au­gusto cor­po se es­ti­rara numa enor­me e ma­jesta­sa cama, ter­ri­vel­mente dura, que ain­da con­stituí­a a mais hon­rosa re­lí­quia dos quartos de dormir); como havia sido em gran­de parte danificada pelas gu­er­ras civis na época de Cromwell e de­pois, sob a Re­staura­ção, re­para­da e acrescida de novos aposen­tos; e como, final­mente, após re­mo­delações e des­fi­gurações levadas a efeito no sé­culo XVIII, passara para o domí­nio cau­teloso de um ban­queiro ameri­cano muito es­per­to que a ad­qui­riu prin­ci­pal­mente pelo motivo (de­ri­vado de circun­stân­cias muito com­plexas para ex­plicar) de lha ter­rem ofere­cido por um preço ir­risó­rio. Com­prou-a, sim, re­smun­gan­do con­tra a sua fealdade, vel­hice, e mais in­có­modos, mas agora, ao fim de vinte anos, prin­ci­piava a tomar ver­dadeira con­sciência e mes­mo paixão es­tética por ela, de tal mane­ira que já a con­hecia em todos os por­menores e seria capaz de dizer qual o mel­hor sítio para a ver em con­jun­to e a hora em que as som­bras das suas vá­rias sa­liên­cias caí­riam com mais en­canto sobre a fachada de tijolos gas-

tos, dum vermelho desvanecido. Além disso, podia, como já informei, declarar quem foram os sucessivos donos e ocupantes, muitos dos quais gozavam de nomeada; fazendo isto, todavia, guardava a convicção de que a derradeira fase daquele imóvel não era em nada das menos importantes. A parte do prédio que deitava para o jardim arrelvado, em que situámos o início da história, não era a da entrada principal: esta ficava exactamente do lado oposto. Aqui reinava em absoluto a intimidade, e a larga alcatifa de relva que cobria o topo raso da colina parecia simplesmente a continuação dum interior luxuoso. Os altos carvalhos silenciosos, assim como as faias projectavam sombras densas como cortinas de veludo; e aquele recanto estava mobilado como uma sala com cadeiras estofadas, tapetes de cores opulentas, livros e jornais dispersos pelo chão. O rio corria a pouca distância; onde o terreno começava a descer, o relvado, propriamente dito, cessava. Mas, até à água, o caminho não deixava de constituir um passeio encantador.

Esse velho distinto, sentado agora à mesa do chá, viera da América havia já trinta anos e trouxera consigo, juntamente com a bagagem, a sua fisionomia americana; trouxera-a consigo e guardara-a intacta, pronto sempre, se necessário fosse, a retomá-la para regressar à sua pátria com a maior naturalidade. Mas era evidente, agora, que se não propunha fazer essa mudança; o seu tempo de viagens passara já, e ele gozava o repouso que antecede o repouso eterno. Tinha a face barbeada, magra, de feições regulares, e uma expressão calma e inteligente; tratava-se, sem dúvida, dum rosto em que a imaginação se não manifestava grandemente — o que não fazia senão realçar o seu ar de sagacidade satisfeita. Parecia estar a dizer que fora bem sucedido na vida, embora se notasse também que o êxito, sem ser absoluto e impertinente, se mantinha dentro dos limites da modéstia. Possuía, decerto, larga experiência dos homens, e tinha quase uma simplicidade rústica no débil sorriso que lhe brincava nos lábios, iluminando-lhe as maçãs salientes e os olhos perspicazes no momento em que, terminado o chá, depôs na mesa, lenta e cuidadosamente, a sua chávena avantajada. Estava vestido a primor, de preto, e muito bem escovado; nos joelhos desdobrava-se-lhe uma manta e nos pés enfiavam-se-lhe chinelas bordadas de lã espessa. Na relva, junto da cadeira, descansava um belo cão de pastor, que espiava a face do dono com tanta ternura quanta a que este concedia nos olhares que lançava à casa. Perto

dos outros dois homens alvoroçava-se um *terrier* pequenino e hirsuto.

Um deles era pessoa dos seus trinta e cinco anos, notavelmente constituído, com cara de inglês tão pronunciada como a do velho o seria no seu género bem diverso; rosto que chamava a atenção pela sua beleza, de boa cor, claro e franco, de feições correctas e enérgicas, belos olhos cinzentos e com o adorno elegante duma barba acastanhada. A aparência desta personagem inculcava brilho e abastança excepcionais — dir-se-ia um temperamento feliz encarecido por uma alta civilização — e predispunha quem o visse a invejá-lo, com certeza. Usava botas e esporas, como se acabasse de desmontar depois dum longo passeio a cavalo; o chapéu era branco, parecendo grande em demasia; conservava as mãos atrás das costas, e com uma delas — alva, grossa, bem talhada — segurava umas luvas de pele de cão amarrotadas.

O seu companheiro, que passeava também sobre o terreno arrelvado, era criatura de muito diversa compleição. Embora pudesse provocar a curiosidade do observador, não despertava, como o outro, o desejo, quase invencível, de querermos ser como ele. Alto, magro, de aspecto cansado e fraco, mostrava, ao mesmo tempo, nas feições encanto e fealdade, debilidade e inteligência; ostentava — porém sem nenhuma petulância — um par de suíças e um bigodinho transviado. Todo ele denunciava perspicácia e enfermidade, combinação que não seria das mais felizes. O casaco que vestia era de veludo castanho. Enfiara as mãos nas algibeiras, e, pela maneira como o fazia, notava-se que o hábito era inveterado. Deslocava-se bamboleando, duma forma incerta, como quem não está muito seguro nas pernas. Como disse, sempre que passava, demorava o olhar no velho sentado na cadeira; e, em certos momentos, quando os olhares de um e de outro se encontravam, podia concluir-se facilmente que se tratava de pai e filho.

O pai compreendeu, então, que o filho o observava, e retribuiu-lhe com um sorriso enlevado.

- Sinto-me perfeitamente — explicou ele.
- Tomou o chá? — inquiriu o rapaz.
- Tomei, e gostei muito.
- Quer que lhe sirva mais?

O velho reflectiu, muito sossegado — Espera, deixa-me pensar.  
— Ao ouvir-lhe a voz, percebia-se-lhe a entoação americana.

— Tem frio? — continuou o rapaz.

O pai esfregou lentamente as pernas. — Não sei. Não te posso dizer o que sinto.

— Talvez alguém consiga sentir por si — interveio o outro risinho.

— É bom ter sempre alguém que experimente essas coisas por nós. Será capaz de o fazer, Lorde Warburton?

— Decerto, bastante! — respondeu este sem demora. — E sou obrigado a dizer que o acho admiravelmente confortado.

— Sim, também creio, por vários motivos... — O velho olhou para a manta verde que tinha sobre os joelhos e acomodou-a melhor. — O facto é que, por me achar bem assim há tantos anos, acabei por me habituar, e já nem sequer dou por isso.

— São os inconvenientes do conforto. Só o conhecemos quando o não temos já.

— Creio que somos um tanto exigentes — notou o companheiro.

— Ah, sim, não há dúvida que somos exigentes — murmurou Lorde Warburton. Depois conservaram-se todos três calados; os dois rapazes contemplavam o velho, que ia repetir o chá. — Pensei que essa manta o incomodasse — disse por fim Lorde Warburton, enquanto o outro enchia outra vez a chávena do pai.

— Pelo contrário, precisa dela! — replicou o do casaco de veludo.

— Não lhe meta essas coisas na cabeça.

— Pertence a minha mulher — voltou o dono da casa, com a maior naturalidade.

— Se é por motivos sentimentais... — E Lorde Warburton esboçou um gesto de desculpa.

— Parece-me que lha devo dar quando ela vier — continuou o velho.

— É favor não fazer nada disso. Tem de a conservar quietinha nos joelhos, coitados.

— Não desfaças neles. Julgo que são tão bons como os teus.

— Nos meus pode desfazer à vontade — retorquiu o filho, entregando-lhe a chávena.

— É verdade, somos dois achacados. Realmente não há muita diferença.

— Agradeço-lhe que o tenha reconhecido. Que tal o chá?